

O CONDE DE
MONTE
CRISTO



TOMO 1



Tradução: Frank de Oliveira

O CONDE DE
**MONTE
CRISTO**



TOMO 1

ALEXANDRE
DUMAS



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2022 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
Le Comte de Monte-Cristo

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
Alexandre Dumas

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Frank de Oliveira

Design de capa
Edilson Andrade

Preparação
Walter Sagardoy

Imagens
Rawpixel/Freepik.com

Revisão
Maitê Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D886c	Dumas, Alexandre
	O conde de Monte Cristo: Tomo 1 / Alexandre Dumas; traduzido por Frank de Oliveira. - Jandira, SP : Principis, 2022. 512 p. ; 15,50cm x 22,60cm. - (Clássicos da literatura mundial - luxo)
	Título original: Le Comte de Monte-Cristo ISBN: 978-65-5552-590-8
	1. Literatura francesa. 2. Romance. 3. Vingança. 4. Prisão. 5. Marinheiro. 6. Plano. I. Oliveira, Frank de. II. Título. III. Série.
2022-0082	CDD 843 CDU 821.133.1-3

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Francesa : Ficção 843
2. Literatura Francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2022

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Marselha – A chegada.....	7
Pai e filho	17
Os Catalães	25
Conspiração	37
O banquete de noivado.....	45
O substituto do procurador do rei	59
O interrogatório.....	70
O castelo de If	83
A festa de noivado	96
O pequeno gabinete das Tulherias	103
O bicho-papão da Córsega.....	112
Pai e filho	122
Os Cem Dias	130
O prisioneiro furioso e o prisioneiro louco	140
O número 34 e o número 27.....	153
Um sábio italiano.....	172
A cela do abade	183
O tesouro	204
O terceiro ataque	218
O cemitério do castelo de If.....	229

A ilha de Tiboulen.....	235
Os contrabandistas.....	249
A ilha de Monte Cristo	258
Deslumbramento	268
O desconhecido	279
A estalagem da ponte do Gard.....	286
O relato	300
Os registos das prisões	315
A casa Morrel.....	323
O 5 de setembro.....	338
Itália – Simbad, o Marujo.....	355
Despertar	382
Bandidos romanos.....	389
Aparição.....	423
A <i>mazzolata</i>	448
O carnaval de Roma.....	465
As Catacumbas de São Sebastião	486
O encontro	505



MARSELHA A CHEGADA

Em 24 de fevereiro de 1815, o vigia de Nossa Senhora da Guarda avistou o navio de três mastros *Pharaon*, que vinha de Esmirna, Trieste e Nápoles.

Como de costume, um piloto costeiro partiu imediatamente do porto, ladeou o castelo de If e foi abordar o navio entre o cabo de Morgion e a ilha de Rion.

Imediatamente, também como de costume, a plataforma do forte de São João se cobrira de curiosos; pois, em Marselha, é sempre um grande acontecimento a chegada de um navio, sobretudo quando esse navio, como era o caso do *Pharaon*, tinha sido construído, aparelhado e estivado nos estaleiros da velha Foceia, pertencendo, além disso, a um armador da cidade.

O navio se aproximava; havia franqueado sem problemas o estreito que algum abalo vulcânico rasgara entre as ilhas de Calasareigne e Jaros; dobrara Pomègue e avançava com seus três mastros de mezena, sua bujarrona e sua brigantina, mas tão lentamente, com um ar tão triste, que os curiosos, com esse instinto que pressente uma desgraça, se perguntavam o que poderia ter ocorrido a bordo. Não obstante, os entendidos em navegação reconheciam

que, se algo acontecera, não poderia ter sido com o próprio navio, já que este avançava com toda a aparência de um barco bem dirigido; sua âncora estava prestes a descer e seus ovéns de gurupés pendiam soltos; e junto ao piloto, que se preparava para conduzir o *Pharaon* à entrada estreita do porto de Marselha, via-se um jovem de ar despachado e olhar atento, que supervisionava cada movimento do navio e repetia cada ordem do piloto.

O vago desassossego que pairava sobre a multidão havia tocado principalmente um dos espectadores da plataforma de São João, que não conseguiu esperar a chegada do navio ao porto: saltou para um escaler e mandou remar ao encontro do *Pharaon*, alcançando-o diante da enseada da Réserve.

Percebendo a aproximação daquele homem, o jovem marinheiro deixou seu posto junto ao piloto e, de gorro na mão, foi encostar-se à amurada.

Era um rapaz de dezoito a vinte anos, alto, esbelto, com belos olhos negros e cabelos de ébano; havia, em toda a sua pessoa, esse ar calmo e resoluto que caracteriza os homens acostumados, desde a infância, a arrostar o perigo.

– Ah, é você, Dantès! – gritou o homem do escaler. – Que aconteceu? Por que esse ar de tristeza a bordo de seu navio?

– Uma grande desgraça, senhor Morrel! – respondeu o jovem. – Uma grande desgraça, principalmente para mim. Ao largo de Civitavecchia, perdemos o bravo capitão Leclère.

– E a carga? – indagou ansiosamente o armador.

– Chegou a bom destino, senhor Morrel, e a esse respeito creio que ficará satisfeito. Mas o pobre capitão Leclère...

– Que aconteceu a ele, a esse bravo capitão? – perguntou o armador, com ar visivelmente aliviado.

– Morreu.

– Caiu ao mar?

– Não, senhor. Morreu de uma febre cerebral, em meio a inenarráveis sofrimentos.

Em seguida, voltando-se para seus homens:

– Vocês aí, todos a postos para a ancoragem!

A tripulação obedeceu. No mesmo instante, os oito ou dez marinheiros que a compunham dispararam, uns para as escotas, outros para as cordas das vergas, outros para as adriças, outros para os cutelos e outros, enfim, para as rizes.

O jovem lançou um olhar despreocupado para esse começo de manobra e, vendo que suas ordens seriam executadas, virou-se de novo para seu interlocutor.

– E como essa desgraça aconteceu? – continuou o armador, retomando a conversa no ponto onde o jovem marinheiro a interrompera.

– Meu Deus, senhor, da forma mais imprevista! Após conversar por muito tempo com o comandante do porto, o capitão Leclère deixou Nápoles bastante agitado. Ao fim de vinte e quatro horas, a febre o dominou; três dias depois, estava morto... Preparamos-lhe os funerais de costume e ele repousa, decentemente envolvido numa lona, com uma bola de trinta e seis libras atada aos pés e outra à cabeça, na altura da ilha de Giglio. Vamos entregar à viúva sua Cruz de Honra e sua espada. Não valeu a pena – continuou o jovem com um sorriso melancólico – guerrear dez anos contra os ingleses para morrer na cama, como qualquer um!

– Que fazer, senhor Edmond? –olveu o armador, que ia se consolando pouco a pouco. – Somos todos mortais e é preciso que os velhos cedam o lugar aos novos. Sem isso, não haveria progresso; e, como você me assegura que a carga...

– Está em perfeito estado, senhor Morrel, posso garantir. E aconselho-o a não negociá-la por menos de 25.000 francos de lucro.

Depois, como já houvessem ultrapassado a torre redonda:

– Colher as velas da gávea, o cutelo e a brigantina! – gritou em comando. – Despachem-se!

A ordem foi executada quase com a mesma rapidez que em um navio de guerra.

– Amainar e colher velame!

A essa última ordem, todas as velas baixaram e o navio deslizou mansamente, impelido apenas pelo impulso que já trazia.

– E agora, se quiser subir, senhor Morrel – disse Dantès, percebendo a impaciência do armador –, aí vem seu contador, o senhor Danglars, que sai da cabine e lhe dará todas as informações que possa desejar. Quanto a mim, preciso supervisionar a ancoragem e pôr o navio de luto.

O armador não se fez de rogado. Agarrou a corda que Dantès lhe jogou e, com uma destreza de fazer inveja a um homem do mar, subiu os degraus fixados no casco, enquanto o rapaz, voltando a seu posto de imediato, cedia a palavra ao homem que anunciara pelo nome de Danglars, o qual, saindo de sua cabine, caminhava efetivamente na direção do armador.

O recém-chegado, cuja idade devia orçar de vinte e cinco a vinte e seis anos, tinha um aspecto acentuadamente sombrio, obsequioso para com os superiores, insolente para com os subordinados: por isso, além de sua função de contador, que é sempre motivo de repulsa por parte dos marinheiros, era tão malvisto pela equipagem quanto Edmond Dantès, ao contrário, era estimado.

– E então, senhor Morrel – disse Danglars –, já soube da desgraça, não?

– Sim, sim. Pobre capitão Leclère! Um homem bravo e honesto!

– E, acima de tudo, um excelente marinheiro, curtido entre o céu e a água como convém a um encarregado dos negócios de uma empresa tão importante quanto a casa Morrel & Filhos – entoou Danglars.

– Entretanto – disse o armador, observando Dantès, que ultimava a ancoragem –, aparentemente não é necessário ser um marinheiro velho como você diz, Danglars, para conhecer seu ofício. Aí está nosso amigo Edmond que conhece o dele, me parece, como alguém que não precisa pedir instruções a ninguém.

– Sim – concordou Danglars, atirando sobre Dantès um olhar oblíquo por onde perpassou um brilho de ódio. – Sim, é jovem e presunçoso. Mal morreu o capitão, assumiu o comando sem consultar ninguém, fazendo-nos perder um dia e meio na ilha de Elba em vez de rumar diretamente para Marselha.

– Quanto a assumir o comando do navio – observou o armador –, era seu dever como imediato. Mas, se perdeu um dia e meio na ilha de Elba, errou. A menos que o navio precisasse de algum reparo.

– O navio estava tão bem quanto eu e quanto desejo que o senhor esteja. Esse dia e meio foi perdido por puro capricho, só pelo prazer de descer à terra, eis a verdade.

– Dantès – disse o armador, voltando-se para o jovem –, venha aqui.

– Desculpe-me, senhor – respondeu Dantès –, estarei aí num instante. E, dirigindo-se à tripulação:

– Ancorar!

A âncora foi lançada e a corrente rangeu, deslizando. Dantès permaneceu em seu posto, apesar da presença do piloto, até o fim dessa última manobra. E em seguida:

– Descer a flâmula a meio mastro, pôr a bandeira a meio pau e cruzar as vergas!

– Por Deus – exclamou Danglars –, ele já se julga capitão!

– E é – disse o armador.

– Desde que com sua concordância e a de seu sócio, senhor Morrel.

– Ora, por que não lhe daríamos esse posto? – perguntou o armador. – É jovem, bem sei, mas me parece experiente e pronto para a função.

Uma nuvem sombria desceu sobre a frente de Danglars.

– Desculpe-me, senhor Morrel – disse Dantès, aproximando-se. – Agora, com o navio ancorado, estou a seu inteiro dispor. O senhor me chamou, não?

Danglars recuou um passo.

– Queria perguntar-lhe por que se demorou na ilha de Elba.

– Não sei, senhor. Foi para cumprir a última ordem do capitão Leclère, que, ao morrer, me confiou um pacote para o grande marechal Bertrand.

– Então você o viu, Edmond?

– Quem?

– O grande marechal.

– Sim.

Morrel olhou em volta e puxou Dantès para um lado.

– E como vai o imperador? – perguntou vivamente.

– Bem, pelo que pude ver.

– Então o viu também?

– Ele apareceu na casa do marechal enquanto eu estava lá.

– E falou com ele?

– O certo é dizer que ele é quem falou comigo, senhor – respondeu Dantès, sorrindo.

– E o que lhe disse?

– Perguntou-me sobre o navio, a hora de sua partida para Marselha, a rota que havia seguido e a carga que levava. Creio que, se estivesse vazio e eu fosse o capitão, me proporia comprá-lo; mas eu lhe expliquei que era apenas o imediato e que o navio pertencia à casa Morrel & Filhos. “Ah”, disse ele, “conheço-a. Os Morrel são armadores de pai para filho e um Morrel serviu no mesmo regimento que eu, quanto estive na guarnição de Valence.”

– Por Deus, é verdade! – gritou o armador, felicíssimo. – Era Policar Morrel, meu tio, que depois foi capitão. Dantès, você dirá a meu tio que o imperador se lembra dele! Vai chorar, o velho casmurro! Ora, ora – prosseguiu o armador, batendo amigavelmente no ombro do rapaz –, você fez bem, Dantès, em obedecer às instruções do capitão Leclère e parar na ilha de Elba. Mas, se alguém souber que entregou um embrulho ao marechal e conversou com o imperador, poderá se comprometer.

– E por que me comprometeria, senhor? – estranhou Dantès. – Nem sei o que era o tal pacote e o imperador só me perguntou o que perguntaria a qualquer recém-chegado. Mas, desculpe-me, aí vem o serviço de saúde e aduana. Posso ir?

– Vá, vá, meu caro Dantès.

O jovem se afastou e, imediatamente, Danglars voltou para junto do armador.

– Já vejo – disse ele – que o rapaz deu boas razões para sua ancoragem em Portoferraio.

– Excelentes, meu caro.

– Ah, tanto melhor! – continuou Danglars. – É sempre penoso ver um camarada que não cumpre seu dever.

– Dantès cumpriu o dele – retrucou o armador. – Quanto a isso, não há o que dizer. O capitão Leclère é que lhe tinha dado a ordem de deter-se.

– Por falar nisso, ele não lhe entregou uma carta do capitão Leclère?

– Quem?

– Dantès.

– Para mim, não! Há então uma carta?

– Julguei que, além do pacote, o capitão Leclère lhe havia confiado uma carta.

– De que pacote está falando, Danglars?

– Ora, do que Dantès entregou em Portoferraio.

– E como sabe que ele tinha um pacote a entregar em Portoferraio?

Danglars enrubesceu.

– Passei diante da porta do capitão, que estava entreaberta, e o vi confiar o pacote e a carta a Dantès.

– Ele não me falou sobre isso – disse o armador. – Mas, se tem a carta, vai entregá-la.

Danglars refletiu por um instante.

– Então, senhor Morrel, peço-lhe que não fale disso a Dantès. Devo ter me enganado.

O jovem voltava; Danglars se afastou.

– Já está livre, meu caro Dantès? – perguntou o armador.

– Sim, senhor.

– Não demorou muito.

– Não, dei aos funcionários da aduana a lista de nossas mercadorias. E quanto aos da saúde, veio com um piloto costeiro um homem a quem mostrei nossos papéis.

– Agora, não tem mais nada a fazer aqui?

Dantès lançou um olhar à sua volta.

– Não, está tudo em ordem.

– Pode então vir jantar conosco?

– Queira me perdoar, senhor Morrel, peço-lhe. Mas devo primeiro visitar meu pai. Nem por isso fico menos honrado com o convite.

– Nada mais justo, Dantès, nada mais justo. Sei que é bom filho.

– E – perguntou Dantès com certa hesitação – sabe se ele está bem, meu pai?

– Creio que sim, meu caro Edmond, embora não o tenha visto.

– É, ele fica fechado em seu quartinho.

– Isso prova, pelo menos, que não lhe faltou nada enquanto você esteve fora nos últimos meses.

Dantès sorriu.

– Meu pai é orgulhoso, senhor, e se lhe faltasse tudo, duvido que pedisse alguma coisa a alguém no mundo, com exceção de Deus.

– Pois bem, depois dessa primeira visita, contamos com você.

– Queira me perdoar mais uma vez, senhor Morrel. Mas, em seguida, tenho de visitar outra pessoa, que não é menos cara a meu coração.

– Ah, é verdade, Dantès, havia me esquecido! Nos Catalães, há alguém que o espera com a mesma impaciência de seu pai: é a bela Mercedes.

Dantès sorriu.

– Ah – brincou o armador –, já não me espanto de que ela tenha vindo três vezes me pedir notícias do *Pharaon*! Diabos, você não precisa se queixar de nada, Edmond, tem uma bela amante!

– Não é minha amante, senhor – disse o jovem marinheiro em tom sério. – É minha noiva.

– Às vezes, é a mesma coisa – disse o armador, rindo.

– Não para nós, senhor – replicou Dantès.

– Vamos, vamos, meu caro Edmond – continuou o armador. – Não quero retê-lo mais, você cuidou bem de meus negócios e devo lhe dar a oportunidade de cuidar dos seus. Precisa de dinheiro?

– Não, senhor. Guardei tudo que recebi na viagem, isto é, perto de três meses de soldo.

– Você é um rapaz sensato, Edmond.

– Além disso, tenho um pai pobre, senhor Morrel.

– Sim, sim, sei que é um bom filho. Vá então ver seu pai. Também tenho um filho e detestaria quem, após uma viagem de três meses, o mantivesse longe de mim.

- Permite, então?... – disse o jovem, cumprimentando.
- Sim, se não tiver mais nada a me dizer.
- Não.
- O capitão Leclère, ao morrer, não lhe deu uma carta para mim?
- Ele não conseguiria escrever, senhor. Mas isso me lembra que gostaria de lhe pedir uma licença de quinze dias.
- Para se casar?
- Isso primeiro; depois, para ir a Paris.
- Bom, bom, tome o tempo que quiser, Dantès. Levaremos seis semanas para descarregar o navio e não nos faremos de novo ao mar antes de três meses... Mas volte após esse prazo. O *Pharaon* – continuou o armador, batendo no ombro do jovem marinheiro – não poderia partir sem seu capitão.
- Sem seu capitão! – exclamou Dantès, com os olhos brilhando de alegria. – Saiba, senhor, que acaba de responder às mais secretas esperanças de meu coração. Tenciona mesmo me nomear capitão do *Pharaon*?
- Se dependesse apenas de mim, eu lhe estenderia a mão, meu caro Dantès, e diria: está feito. Mas tenho um sócio e você conhece o provérbio italiano: “*Chi a compagno ha padrone*”, quem tem sócio tem patrão. Mas metade do caso está resolvido, pois, de dois votos, você já tem o meu. Farei o melhor para obter o outro, pode confiar.
- Oh, senhor Morrel – balbuciou o jovem marinheiro, estreitando, com lágrimas nos olhos, as mãos do armador –, agradeço-lhe em nome de meu pai e de Mercedes!
- Está bem, está bem, Edmond, há um Deus no céu para os merecedores, que diabo! Vá ver seu pai, vá ver Mercedes e me procure depois.
- Mas não quer que o leve à terra?
- Não, obrigado, vou me demorar um pouco para examinar as contas com Danglars. Ficou satisfeito com ele durante a viagem?
- Depende do sentido que o senhor está dando à pergunta, senhor. Se for como bom companheiro, não; pois temo que ele não goste de mim desde o dia em que cometi a tolice, depois de uma pequena discussão entre nós, de lhe propor pararmos dez minutos na ilha de Monte Cristo,